

Museus: em que século estamos?

Maria Cecília França Lourenço ¹

Resumo

Museus constituem instituição com longa duração, sempre se reinventando em propósitos, coleções, novas tecnologias, busca de variado público, ampliação do escopo em ações, tudo isto por meio de atividades investigativa, crítica e em intercâmbio. Por que então há tanta diferença na recepção museal se a instituição, aqui e no mundo, vem ampliando o horizonte de expectativas?

Museums: in what century are we in?

Abstract

Museums are long-term institution, always reinventing themselves on purpose, collections, new technologies, search for varied public, expanding the scope of actions, all this through investigative, critical activities and in Exchange. Why then is there so much difference in the museal reception, here and in the world, if the institution has been expanding the horizon of expectations?

¹ Professora titular da FAU-USP, coordenadora do Grupo Museu/Patrimônio. [Currículo Lattes](#).

Museus no mundo vêm sendo constituídos e não se privam da necessária tarefa de rever conteúdos sombrios e se abrir à autocrítica. Valem-se de pesquisa, depoimentos, coleta de objetos, levantamento de arquivos, novas tecnologias e projeto mínimo para instalações. Resultam proposição para diferentes públicos, respeito à capacidades distintas e renovação, tanto museológica, quanto museográfica, sem concessão ao mercantil, espetáculo, ou ao espetacular.

Observe-se o nomeado por Museu DDR/ Berlim (*Deutsche Demokratische Republik*) aberto em 2006 em que se faz o balanço irônico e crítico sobre o longo período político da Guerra Fria sem proselitismo para um lado ou outro. Não escondem a arrogância, conchavos e querelas e se sai dali com o juízo crítico ampliado sobre as dificuldades e facilidades cotidianas, do emocional a separar laços, ao simples habitar e estudar com dignidade.



Corpos se abrem com arquivos correlatos às personagens reproduzidas em fotos. *Museu DDR* (Berlim). Foto A. out. 2015

Ao entardecer de 2015, os museus sofreram ultrajes, uma vez mais e por todo país, para além de rogo por verba, segurança e pessoal. Revoaram antigas questões vindas de tempos extremos e também por petição de autoridades. Neste escopo incluem-se até validade e autonomia diretiva, gerencial e financeira; validade para seguir projeto abalizado em fóruns de áreas; ou razão de ser e estar na coisa pública.

Em que pese a nulidade sobre o tema em setores de mando, museus de ponta designam embates e representam questões coetâneas a quem está nomeando, daí as trevas. Com história erigida desde a Antiguidade, seguem a interpretar objetos e dispô-los ao olhar. O que de fato expõem ultrapassa feições, desafio inicial em cultura adubada pelo verbo.

Superar o relevo da palavra sobre o visual, para alguns, parte de premissa discutível: curar mostra seria repetir o mesmo, causar fila e atrair público imberbe. Repete-se a balela - “educar multidões”, laivo colonial civilizatório. Se alguns se atêm a exibir pesquisa alheia, outros refundam conceitos. Veja-se o alcance da ação em dois casos: a tutela de deuses pagãos no Vaticano com acepção obliterada para - obra de arte; ou joia fúnebre conspurcada de tumba e içada a atrativo para exposição arrombadora, ou *blockbuster*.

Neste século universidades e museus não são insulares e cabe-lhes rever o consagrado, gerar práticas sociais e culturais; erigir valores; mover-se entre visível x invisível; e dizível x indizível. Ambos acolhem, selecionam, classificam, armazenam, conservam e documentam para comunicar, no caso museal em edições, tese, catálogo, simpósio e exposição, com longa ou breve duração. Disseminar estudos e debates museais para distintos segmentos consiste em foco relevante do site Museu/ Patrimônio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/ USP), na busca de diálogo.

Observa-se total estimável de escolas, aqui e no mundo, a manter museus, ao serviço de grupos sociais, ou a criação de conselho próprio na Unesco, a reiterar o êxito². Juntem-se, outras causas: alçaram lugar de proa ao inovar no constituir conceitos; produzir e reproduzir saberes; polifonia no dialogar e invenção no tecnológico, sendo um dos raros bastiões sem ingerência mercantil. Partilham inovação e abrangem ações focadas e investigadas, o que se encontra entre as razões desta mídia. Estamos sim no Século XXI

Já a presença tímida de cursos notáveis em áreas correlatas traz público e comandos editados pelo clichê da cena cultural, valorada por exibicionismo, cifras e números, alardeados pela sociedade do espetáculo. Em discurso singelo, chefes clamam só por renda, sucesso e mero evento mercantil. Sem difusão de conteúdo reflexivo, crítica e dúvidas, museu e as mídias podem se reduzir à fala rasa sobre bom ou mau gosto, valiosa ao Setecentos.

² Em 2001, o Conselho Internacional de Museus/ Icom chancelou o *University Museums and Collections (Umac)*, hoje com 52 países a incluir o Brasil. Instituto Brasileiro de Museus informa: 49 museus em 13 universidades.

Salvo vozes críticas, o ralo sistema das artes alude a teor píffio e similar, pois, muitos destes atores ganham dinheiro ou trocas, a englobar viagens, compor coleção e conselho museal e receber obra, reduzida a comódite. Aufere-se soldo estonteante para os padrão profissional similar, ao garantir mostras com fila, self e viral em mídia, a vender produto e projeção. Neste quesito, a seção criminal anuncia engenhos inimagináveis aos honestos. E as grandes mídias digitais vendem sem escrúpulo conteúdo informacional, sem remunerar nem ao menos aquele inédito e advindo de investigação incomum.

Entender o conhecimento crítico como mote transformador e não apenas mimético segue antigas táticas de se minar sistemas em seu próprio interior, mas ainda valem. Contraria-se a época contida no espelhar flashes do passado como novela, a denotar vazio criativo e inépcia para atualizá-lo. Ilustra a crise os aplausos ao se adotar padrão expositivo fascinante de Lina Bo, mas cunhado no último século, ou retrospectivas em que séries fora do clichê, diversidade de linguagem, autocrítica e obras diversificadas estão ausentes.

Relembro que antes se abrigou boa parte desse acervo de arte, história e ciência, com noções emanadas das Luzes. Sonhava-se ensejar qualidade laboral para despojados de capital para ir a Europa estudar o que não havia aqui, como os abastados. Assim foi com obras de arte levadas ao Rio de Janeiro pelos franceses (XIX).

Somem-se naturalistas, a reunir fundos de pesquisa, inebriados pelos trópicos, em parte enviados ao país de origem, outros aqui tutelados. Cientistas fixados no país leram a iniciativa como meio para se apoderar do território. Iniciou-se ciclo a investigar, não só de espécimes, mas, objetos arqueológicos, etnográficos, artísticos, históricos, científicos, entre tantos, a garantir debates sobre o caráter do país.

O estudo do período ditatorial do século anterior entre nós mostra como atores foram astutos em captar a potência de patrimônio. Bastaria assinalar a seleção de assessores por Getúlio Vargas do quilate dos Andrades, Mário e Carlos Drummond para exarar política cultural arguta. Já na última ditadura civil-militar (1964-85) acervos foram reunidos e passados às universidades e ao poder público, talvez na vã ilusão de se auto-musealizar³.

³³ Cito - 1964-5: Ciccilo Matarazzo, após passar acervo ao Museu de Arte Contemporânea a USP persuadiu museus europeus a doar obras para abrir o Museu de Arte e Arqueologia/ USP; 1967: USP comprou mais de 17 mil volumes de Mário de Andrade e incorporou o Museu Paulista; 1969 agregou o Museu de Zoologia; 1966-68: abertos Museus Regionais depois legados a universidades

Note-se em 1972, militares fizeram efemérides, entre estas as do Sesquicentenário da Independência. Exibiram filmes, exposições, músicas e espetáculos de monta e o ápice versou no traslado do corpo de D. Pedro I de Portugal, para jazigo no Monumento à Independência, em que teria raiado o tal “Grito do Ipiranga”. Antes se expôs os restos mortais em outros estados, como relicário de tempo ilustre. Em 7 de setembro concluíram com o show, “Luz e som” de águas dançantes nas fontes, perante Marco, Parque e Museu Paulista/ USP.

E no Século XXI à par de avanços, nota-se manejo dúbio do poder aos órgãos de ensino, cultura e saúde, clamando por crítica autônoma de mercados e submissão. Então - regrediu-se às priscas eras? Recuou-se só em regiões espoliadas e nas demais restam mando e pensar iluminados? Ou, por saber o poder libertário do pensar, tenta-se abatê-las? Ao museu como às demais instituições cabe o reverso ante desprezo à argúcia do espectador, elogio fácil, protecionismo, ufania civilizatória, valores escusos e mercantis. Assim se ultrapassará este século. Ciça França Lourenço, Verão 2016.